

'Discutir macroeconomia é masoquismo'

O GLOBO

07 JUN 2003

economia Brasil

Maria da Conceição Tavares diz que debater política econômica é inútil

07 JUN 2003

• Depois de se tornar famosa pelos debates acalorados sobre política econômica, a economista Maria da Conceição Tavares disse ontem que discutir macroeconomia no Brasil não só é inútil, mas também um sofrimento.

— A situação internacional está que arde, e realmente é preciso ser masoquista para continuar discutindo macroeconomia e me aborrecendo com meus colegas para nada — declarou a economista, depois de participar da audiência para discutir a recriação da Sudene no BNDES, presidido por seu colega no debate econômico Carlos Lessa.

A economista e ex-deputada do PT afirmou que é mais sa-

tisfatório discutir a criação da Sudene, uma das medidas com que o governo procura buscar o desenvolvimento, “do que ficar discutindo política econômica, que, objetivamente, não tem ninguém que resolva”.

“Há 50 anos que discuto e não funciona”

Para provar seu argumento, Conceição lembrou sua própria experiência como debatedora e a de seus professores e colegas que tornaram-se ministros da área econômica em governos passados:

— Há 50 anos que discuto e não funciona. Tenho 50 anos de profissional de macroeconomia. Fui aluna de (Octávio Gouvêa) Bulhões e do (Rober-

to) Campos, colega de Mário Henrique (Simonsen) e Delfim (Netto), professora de quase todos que foram parar na política econômica. Não tem nenhum (plano) que funcione. Você pode fazer o que você quiser. Sempre acaba dando uma trapalhada — disse a economista.

“No curto prazo, estarei morta”

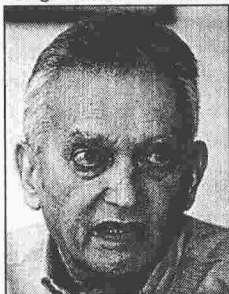
Conceição afirmou que o debate sobre a Sudene é mais estimulante do que “olhar para o passado e ficar se lamuriando” porque trata de medidas que terão efeito a longo prazo. Para explicar seu entusiasmo, a economista brincou com a frase “a longo prazo, es-

taremos todos mortos”, dita pelo economista inglês John Maynard Keynes para responder às críticas de que, a longo prazo, seriam prejudiciais suas idéias de usar o Estado para incentivar a atividade econômica — uma tese defendida por economistas de esquerda como ela, Lessa e Celso Furtado.

— Como eu já estou velha, ao contrário do que disse Keynes, no curto prazo eu vou estar morta, mas, a longo prazo, não, porque estão aqui os meus discípulos todos, os meus filhos, os meus descendentes. Quero discutir o longo prazo, porque no curto é certo que estarei morta — disse Conceição, de 72 anos. ■

UM TEÓRICO DO DESENVOLVIMENTO

Jorge William/14-11-2001



• Idealizador e primeiro superintendente da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), o economista Celso Furtado foi ministro do Planejamento

no governo João Goulart e um dos diretores da Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), entidade criada pela Organização das Nações Unidas (ONU), da qual foi um dos principais teóricos e difusores do estruturalismo — tese abraçada pela esquerda que defendia que o subdesenvolvimento era causado por problemas estruturais

como a divisão da terra (por isso a necessidade de reforma agrária) e a produção industrial concentrada em matérias-primas. Mais tarde, passou a

dar mais importância a fatores sociais e políticos no desenvolvimento econômico.

Exilado após o golpe de 1964, Furtado deu aulas nas universidades de Sorbonne, na França, Washington, nos Estados Unidos, e Cambridge, na Inglaterra. De volta ao país, o economista tornou-se ministro da Cultura do governo José Sarney, de 1985 a 1988.

A CRÍTICA QUE CHOROU AO ELOGIAR

Roberto Stuckert Filho



• Nascida em Portugal, mas naturalizada brasileira em 1957, a economista Maria da Conceição Tavares é considerada uma especialista no processo de desenvol-

vimento do capitalismo no Brasil. Licenciada em matemática pela Universidade de Lisboa, Conceição também formou-se em ciências econômicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde substituiu seu antigo professor Octávio Gouvêa de Bulhões na cadeira de macroeconomia, em 1978. A economista fez pós-graduação na Cepal.

Antes de se filiar ao PT, pelo qual elegeu-se deputada federal pelo Rio em 1994, Conceição foi uma das principais economistas do PMDB, entre 1978, quando o

partido ainda se chamava MDB e era o único de oposição no Brasil, e 1988. Crítica ácida da política econômica do regime militar, ganhou notoriedade ao chorar, em 1986, numa entrevista para a televisão defendendo o Plano Cruzado, lançado pelo ministro Dilson Funaro no governo José Sarney, que decretou o congelamento de preços.